

GASTOS DO CONSUMIDOR E PREÇOS DAS FRUTAS NO VAREJO PAULISTANO NO PERÍODO DE JANEIRO DE 1993 a AGOSTO DE 1994¹

Sueli Alves Moreira Souza²
José Sidnei Gonçalves³

¹Trabalho referente ao projeto SPTC nº16-023/94.

²Economista, Assistente Técnico à Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

³Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

1 - INTRODUÇÃO

A evolução da despesa familiar representa um indicador dos gastos do consumidor com determinada cesta de produtos. No caso das frutas é importante avaliar o movimento dos preços relacionando-o com os gastos totais com o produto, pois o consumidor normalmente compõe uma cesta particular a cada ato de compra em função, principalmente, da disponibilidade e dos preços de mercado. Assim, a cada época do ano tem-se o consumo de frutas mais apropriadas e ao mesmo tempo com colheita significativa nesse período. Nesse sentido, laranja e banana funcionam como frutas de consumo obrigatório, sendo compradas durante o ano todo, apesar de ocorrerem variações de intensidade a cada mês.

Dessa forma, os gastos com frutas tendem a uma certa estabilidade, mesmo na presença de movimentos dos preços das várias que compõem a cesta de produtos frutícolas. Em relação à renda familiar tem-se também uma variação pequena no curto prazo, haja vista que apenas com aumento da renda a longo prazo e com mudança de hábitos alimentares é esperado um crescimento da demanda de frutas, pela característica de elevada elasticidade renda dessa mercadoria. A própria cesta de frutas altera-se com a elevação da renda, pois a composição modifica-se com maior consumo de algumas espécies e menor de outras, associadas a uma sofisticação em termos qualitativos. Entretanto, no curto prazo pode-se assumir que as alterações da demanda de frutas ocorrem em razão da disponibilidade estacional e dos preços praticados.

O presente trabalho pretende avaliar a evolução dos gastos do consumidor relacionando-os com os preços das frutas no varejo da capital paulista, o mercado mais importante do País, tanto pelos volumes físicos consumidos como pelo perfil da demanda. O período analisado compreende os últimos vinte meses (janeiro de 1993 a agosto de 1994). No final desse período duas ocorrências devem ser destacadas: a implantação do Plano de Estabilização Econômica (Plano Real), com impactos na demanda, e a ocorrência de geadas no final de junho, com reflexos diretos nas quantidades e qualidades das frutas. No tocante ao plano econômico as primeiras fases foram implementadas durante o primeiro semestre de 1994 e a troca de moeda a partir de julho deste ano. Isso permite a comparação do comportamento dos preços praticados nessa fase de implantação com igual

período do ano anterior. Mesmo procedimento pode ser adotado para análise do impacto dos fenômenos climáticos sobre o mercado de frutas.

Os dados utilizados são aqueles disponíveis no levantamento da cesta de mercado, realizado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) na cidade de São Paulo (SANTIAGO, 1990). Tanto as informações de gastos com frutas como os preços de cada produto foram convertidos em Unidade Real de Valor (URV) desde janeiro de 1993 a julho de 1994, utilizando para isso a cotação média da URV em cada mês. Os dados de julho e agosto foram obtidos diretamente na nova moeda (real). Dessa maneira têm-se informações comparáveis em nível de estabilidade de preços, sendo cotações a preços correntes durante o período estudado. A análise da sazonalidade foi realizada com o auxílio dos padrões estacionais definidos por estudo da Coordenadoria de Abastecimento da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 1992).

2 - GASTOS DO CONSUMIDOR PAULISTANO COM FRUTAS

A análise da participação dos gastos com frutas na despesa familiar mostra que os maiores percentuais ocorrem nos meses quentes e os menores, nos meses frios. Em 1993, por exemplo, nota-se que em janeiro as compras de frutas representavam 8,7%, praticamente o mesmo nível de fevereiro, e que, nos meses seguintes, saíram de 8,3% em abril para 7,6% em maio. Esse patamar mantém-se até julho de 1993. Desse mês em diante ocorre uma tendência de alta e assim, de outubro a dezembro, esse percentual foi de 10,3% das compras totais (Tabela 1).

Em termos absolutos, o comportamento é muito semelhante ao acima descrito. No primeiro quadrimestre de 1993 (janeiro a abril), a média de gastos com frutas foi de R\$8,40, sendo que nos três meses seguintes (maio a julho), esse dispêndio cai em 8%, para se situar em torno de R\$7,73. No bimestre seguinte (agosto-setembro) tem início período de aumento, pois nesses meses de transição as compras somam R\$8,50 em média, o que equivale a 10% superior ao verificado no trimestre anterior. No último trimestre do ano (outubro, novembro e dezembro) tem-se o maior patamar de gastos com aquisições de frutas equivalentes a R\$10,42 por mês, ou seja, 22,6% mais que nos meses anteriores (Tabela 1). Portanto, as

maiores despesas com frutas ocorrem quando se verificam as maiores temperaturas com a particularidade de que as férias escolares de janeiro e fevereiro promovem uma queda nesses dispêndios.

Esse comportamento estacional está relacionado com a importância da laranja na cesta de frutas consumida, pois se trata do principal produto utilizado na confecção de sucos, cujo consumo é maior no verão. No primeiro bimestre de 1993 (janeiro e fevereiro) a laranja responde por 50,4% das despesas com frutas, enquanto a banana representa 17,6% e as demais frutas (treze produtos) 32% dos gastos. Essa situação se altera com a aproximação do inverno, com a queda da representatividade da laranja e aumento da banana e outras frutas. A laranja recua de 50,6% em março para 33,4% em agosto, ao passo que a banana corresponde a 21% em média das compras de frutas e as outras frutas aumentam de 29,6% em março para 46,4% em outubro. A laranja cresce nos últimos quatro meses para atingir 44,2% em dezembro, enquanto a banana recua no último trimestre (outubro, novembro e dezembro), atingindo o índice mais baixo, 15,2% no último mês do ano, mesmo comportamento das outras frutas que recuam de 46,4% para 40,6% no mesmo período (Tabela 1).

Em valores absolutos o bimestre janeiro/fevereiro de 1993 apresentou média de R\$4,29 para os gastos com laranja e, a partir de abril, caem sistematicamente até agosto atingindo R\$2,77, quando a tendência passa a ser de novo de crescimento para fechar

o ano com R\$4,63 em dezembro. Para a banana a média da despesa em janeiro/fevereiro ficou em torno de R\$1,49, ocorrendo elevação até abril (R\$1,73), seguida de queda até julho (R\$1,62). Nos três meses seguintes a tendência passa a ser de aumento, alcançando R\$1,83 na média de agosto a outubro. Em novembro e dezembro há um recuo nas aquisições de banana, que atingem R\$1,59 no final do ano. Com as demais frutas, em janeiro, a despesa foi de R\$2,79, ocorrendo decréscimo de 15,4% até março (R\$2,36), quando a situação se altera, com alta de 101,3% até outubro (R\$4,75). Nos dois últimos meses têm-se menores gastos com outras frutas, que somaram R\$4,26 em dezembro (Tabela 1).

Em 1994 os gastos com frutas têm comportamento sazonal semelhante ao verificado em 1993. Em janeiro, atingiu 9,5% da despesa familiar e mantém-se num patamar de 9,7% no bimestre posterior. Logo após, situa-se em nível menor, em torno de 8,7% nos três meses seguintes. Em julho, ocorre um aumento nos gastos para 9,7% e, em seguida, dá novo salto para 12,8% em agosto. Esse movimento altista surge devido à ocorrência de geadas no meio do ano. De qualquer forma, os percentuais de gasto com frutas em relação à despesa familiar de janeiro a agosto de 1994 foram sempre superiores aos verificados em igual período de 1993 (Tabela 1).

Em valores absolutos os gastos com frutas mantiveram-se praticamente no mesmo patamar em todo primeiro semestre de 1994, girando em torno

TABELA 1 - Evolução dos Gastos com Frutas na Despesa Familiar na Cidade de São Paulo, Janeiro de 1993 a Agosto de 1994¹

Ano e mês	Banana		Laranja		Outras frutas		Total	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	% ²
1993								
Jan.	1,51	17,48	4,34	50,23	2,79	32,29	8,63	8,70
Fev.	1,48	17,64	4,23	50,33	2,69	32,03	8,40	8,90
Mar.	1,58	19,88	4,03	50,56	2,36	29,56	7,97	8,20
Abr.	1,73	20,17	3,91	45,58	2,94	34,25	8,58	8,30
Mai	1,62	21,00	3,14	40,58	2,97	38,42	7,73	7,60
Jun.	1,66	21,38	2,87	36,95	3,24	41,67	7,78	7,80

Jul.	1,62	21,09	2,84	36,93	3,22	41,97	7,68	7,60
Ago.	1,88	22,66	2,77	33,37	3,65	43,97	8,31	8,20
Set.	1,80	20,71	3,12	35,92	3,77	43,37	8,69	8,60
Out.	1,82	17,77	3,68	35,87	4,75	46,36	10,25	10,30
Nov.	1,75	16,58	4,33	41,05	4,47	42,38	10,54	10,50
Dez.	1,59	15,16	4,63	44,22	4,26	40,62	10,48	10,00
1994								
Jan.	1,94	18,19	5,21	48,80	3,52	33,02	10,67	9,50
Fev.	2,24	21,20	5,49	51,93	2,84	26,87	10,58	9,70
Mar.	2,54	22,08	5,21	45,31	3,75	32,60	11,49	9,70
Abr.	2,44	23,95	4,17	40,98	3,57	35,07	10,18	8,80
Mai	2,44	24,09	3,57	35,28	4,11	40,63	10,11	9,00
Jun.	2,41	24,11	3,92	39,31	3,65	36,58	9,98	8,40
Jul.	2,57	20,51	5,04	40,22	4,93	39,35	12,53	9,70
Ago.	4,05	22,99	6,14	34,85	7,42	42,11	17,62	12,80

¹Dados convertidos para real, utilizando-se da Unidade Real de Valor (URV) média mensal.

²Participação dos gastos com frutas na despesa familiar total.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

de R\$10,50, à exceção de março quando somou R\$11,49. Ressalte-se que no trimestre abril a junho verificam-se despesas ligeiramente inferiores às observadas no primeiro bimestre do ano (R\$10,63), verificando-se gastos médios de R\$10,09 (-5,01%). Em julho e agosto ocorre abrupto acréscimo nos gastos que somam R\$17,62 nesse último mês, o que corresponde a aumento acumulado de 76,6% em relação a junho (Tabela 1). Esse movimento altista, decorrente da geadas, que impulsionou os preços para cima, reflete, por outro lado, a manutenção de quantidades fixas de compras de frutas pelos consumidores, não refletindo possíveis reduções de consumo ou alterações na composição da demanda.

Discriminando as compras das principais frutas para 1994, para a laranja repete-se o ocorrido em 1993, devido sua importância na cesta de frutas. No

primeiro bimestre (janeiro e fevereiro) ela respondeu por 50,3% dos gastos e apresentou queda até maio, quando equivalia a 35,28% das compras de frutas. Nos dois meses seguintes, atinge 39,8%, o que significa pequena elevação de sua importância relativa, novamente reduzida ao nível dos 35% de agosto. A banana tem participação crescente em todo primeiro semestre, saindo de 18,19% em janeiro para alcançar 24,11% em junho. Essa fruta, após um recuo relativo para 20,5% das despesas em julho, tem pequeno acréscimo para atingir 23% em agosto. As demais frutas, que em janeiro correspondiam a 33% dos gastos, recuam para 27% em fevereiro, após o que crescem até o pico de 40,63% em junho. A queda para 36,6% em julho não se sustenta, dando lugar a novo movimento de alta que fecha com os 42% de agosto (Tabela 1).

Em valores absolutos os gastos com laranja, de janeiro a março de 1994, foram, em média, de R\$5,30. No trimestre seguinte, recuam dos R\$5,21 observados em março para R\$3,92 em junho (-24,8%). No período seguinte verifica-se aumento nos gastos com laranja de R\$6,14 em agosto, o que equivale a aumento acumulado de 56,6% nesses meses. No caso da banana, as compras atingiram R\$1,94 em janeiro, e se elevou para R\$2,54 em março, recuando em seguida a uma média de R\$2,43 de abril a junho. Destacando o trimestre junho-agosto nota-se crescimento de 68% no período em função da aceleração de preços como decorrência das geadas que afetaram as principais regiões de produção. Com as demais frutas o comportamento das despesas no primeiro semestre de 1994 foi errático, com altas e quedas a cada mês, entretanto, destaca-se crescimento contínuo, acumulando 103,3% entre junho e agosto, fato também decorrente das baixas temperaturas (Tabela 1).

Ao se analisar globalmente os dados de dispêndios com frutas pela família paulistana, duas características podem ser destacadas quando se comparam os meses de janeiro a agosto de 1994 com igual período de 1993. A primeira decorre de que em 1994 verificam-se sempre índices superiores aos observados no ano anterior, valendo tanto para os dados agregados quanto para as informações específicas por produto. A decorrência desse fato é que o paulistano gastou mais para comprar a mesma quantidade de frutas que adquiriu no ano anterior. A segunda mostra o movimento de alta verificado em função das fortes geadas do final do primeiro semestre de 1994, que se refletiram em altas significativas de preços. Esse último aspecto está ligado à razão de que as frutas estudadas são consumidas preferencialmente *in natura* e, portanto, sua produção é mais sujeita a fenômenos climáticos.

3 - PREÇOS DAS PRINCIPAIS FRUTAS NO VAREJO DA CAPITAL PAULISTA

O comportamento da despesa familiar com frutas na cidade de São Paulo está relacionado com o movimento dos preços das principais frutas consumidas. As mais importantes do ponto de vista da contribuição para o gasto total são abacate, banana nanica, laranja, maçã nacional, manga, melancia, pêssego, uva comum e fina, que serão analisadas a

seguir.

No caso do abacate, trata-se de uma fruta cujo consumo *per capita* anual, na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), reduziu-se de 1,3kg por habitante em 1974/75 para 850g em 1987/88. Do ponto de vista da estacionalidade tanto as variações de quantidade como de preço apresentam amplitudes elevadas, com a diferença de 168% entre o menor e o maior índice de volume comercializado e de 175% para as cotações, o que vem demonstrar enormes variações de preços e quantidades, dentro de cada ano. Os menores preços ocorrem entre fevereiro e agosto e as maiores quantidades, entre fevereiro e julho de cada ano (SÃO PAULO, 1992). No período de janeiro de 1993 a agosto de 1994 os preços do abacate comportaram-se dentro do esperado pelo padrão estacional acima definido, uma vez que as menores cotações ocorreram de março a julho de 1993 e de fevereiro a junho de 1994. Nota-se, entretanto, que julho e agosto de 1994 mostram uma elevação superior à esperada, o que pode relacionar-se com a geada de meados de 1994 (Tabela 2).

A banana nanica é uma fruta de consumo popular cuja demanda na Região Metropolitana de São Paulo tem crescido, sendo que o consumo anual *per capita* subiu de 7,7kg por pessoa em 1974/75 para 8,2kg por pessoa em 1987/88. A estacionalidade de preço e quantidade da banana apresenta-se menor que a do abacate, com amplitude de 46% entre o menor e o maior volume comercializado e de 50% entre a cotação inferior e a superior dentro de cada ano. Os preços mais baixos ocorrem em dois períodos dentro do ano, o primeiro de janeiro a março e o segundo de julho a agosto, fases em que as quantidades são maiores (SÃO PAULO, 1992). Em 1993 os preços no primeiro trimestre acompanharam o padrão sazonal, mostrando-se abaixo dos demais meses. Entretanto, não ocorreu a tradicional queda dos preços entre julho e agosto, quando os mesmos mostraram-se crescentes, só recuando um pouco no final do ano. No decorrer de 1994 mantém-se esse quadro de anormalidade, com crescimento dos preços no primeiro trimestre, pequeno recuo entre abril e junho, seguido de nova alta em julho e agosto, sendo que neste último mês atinge-se a cotação mais elevada dos vinte meses considerados (Tabela 2). A geada pode explicar essa tendência altista dos meses recentes, haja vista ser a bananeira uma planta de grande susceptibilidade a esse fenômeno climático.

A laranja é uma fruta que apresenta boas

quantidades de vitamina C, tem elevado consumo popular, principalmente na forma de sucos durante os meses de verão. O consumo *per capita* anual, na Região Metropolitana de São Paulo subiu de 20,9kg por pessoa em 1974/75 para 23,2kg por pessoa em 1987/88 (+11,0%). No tocante à estacionalidade, a quantidade apresenta diferença de 28% entre o menor e o maior volume comercializado, indicando baixa amplitude de variação ao longo do ano. No que se refere aos preços observa-se disparidade de 60% entre as cotações mensais superior e inferior, o que representa nível médio de diferenciação entre elas. Os preços mais baixos ocorrem de maio a agosto, fase em que também as quantidades são baixas devido ao inverno (SÃO PAULO, 1992). O fato de as cotações baixas ocorrerem nos meses de menor quantidade comercializada explica-se pelo reduzido consumo de sucos nos meses frios, ou seja, a retração da demanda leva à queda dos preços mesma razão que, na temporada de verão, eleva os preços quando as quantidades são maiores.

Em 1993 os preços comportaram-se dentro do esperado pelo padrão estacional, com queda de janeiro a agosto, com as menores cotações ocorrendo de junho a agosto, seguida de alta de agosto a dezembro. Em 1994 o quadro tem alguma semelhança, com queda de janeiro a maio, mas tem alteração com antecipação da alta de preços da fase anterior aos meses de

TABELA 2 - Evolução dos Preços das Principais Frutas no Varejo da Cidade de São Paulo, Janeiro de 1993 a Agosto de 1994¹

Ano e mês	Abacate (u.)	Banana nanica (dz.)	Laranja (dz.)	Maçã nacional (kg)	Manga (u.)	Melancia (kg)	Pêssego (kg)	Uva comum (kg)	Uva fina (kg)
1993									
Jan.	0,28	0,39	0,63	1,73	0,22	0,20	1,50	1,41	1,85
Fev.	0,24	0,37	0,61	1,14	0,28	0,24	1,57	0,96	1,44
Mar.	0,20	0,39	0,58	0,74	...	0,30	...	0,93	1,24
Abr.	0,18	0,43	0,57	0,66	...	0,32	...	1,18	1,34
Mai	0,17	0,41	0,45	0,61	...	0,35	...	1,21	1,53
Jun.	0,19	0,42	0,42	0,53	...	0,33	...	1,05	1,35
Jul.	0,20	0,41	0,41	0,77	...	0,32	...	1,04	1,20
Ago.	0,25	0,48	0,40	0,59	...	0,34	...	1,08	1,58

verão (Tabela 2). Isso em virtude de cotações crescente já a partir de maio, estendendo-se até agosto, como reflexo das geadas que atingiram as regiões de produção. De qualquer maneira, tem-se um mercado de frutas menos sujeito a alterações muito bruscas em relação ao padrão definido de sazonalidade.

A maçã nacional está ganhando a preferência do consumidor em substituição ao produto argentino, que tradicionalmente ocupava esse mercado. Trata-se de fruta cujo consumo *per capita* anual na Região Metropolitana de São Paulo cresceu de 1,9kg por habitante em 1974/75 para 2,6kg em 1987/88 (+36,8%). Do ponto de vista da estacionalidade, as quantidades apresentam grande variação, com amplitude de 174% entre o menor e o maior índice de volume comercializado e de 31% para as cotações. Notam-se pequenas variações de preços se comparadas com as elevadas alterações de quantidades mensais dentro do ano, e os preços mais baixos ocorrem em maio e julho, quando as quantidades são elevadas após pico superior entre março e abril (SÃO PAULO, 1992). Esses elementos são característicos de mercados menos sujeitos a variações exageradas de preços.

No primeiro semestre de 1993, os preços acompanharam o padrão sazonal, mostrando-se em queda de janeiro a março, mantendo-se baixo entre abril e agosto, para elevar-se nos demais meses. Em

Set.	0,30	0,47	0,45	0,88	...	0,36	2,19
Out.	0,33	0,48	0,53	0,70	0,39	0,38	1,62	...	1,88
Nov.	0,39	0,45	0,63	0,81	0,22	0,35	1,55	...	1,45
Dez.	0,47	0,40	0,67	0,83	0,16	0,28	1,31	1,66	1,59
1994									
Jan.	0,27	0,48	0,75	1,25	0,20	0,27	1,38	0,87	1,42
Fev.	0,19	0,56	0,80	0,86	0,26	0,32	1,25	0,81	1,11
Mar.	0,18	0,65	0,75	0,93	...	0,30	...	0,94	1,37
Abr.	0,17	0,63	0,60	0,93	...	0,32	...	1,41	1,78
Mai	0,18	0,61	0,52	0,81	...	0,28	...	1,20	1,64
Jun.	0,23	0,60	0,57	0,77	...	0,30	...	1,04	1,38
Jul.	0,31	0,65	0,73	1,86	...	0,39	...	1,66	1,67
Ago.	0,43	1,01	0,89	2,03	...	0,66	...	2,30	2,88

¹Dados convertidos para real, utilizando-se da Unidade Real de Valor (URV) média mensal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

1994, ocorre queda no primeiro bimestre (janeiro e fevereiro), sendo importante salientar que os preços entre abril e junho foram mais altos que igual período do ano anterior. De junho em diante nota-se uma aceleração antecipada das altas em níveis significativos, atribuindo-a a afeitos de geadas e, em certa medida, à ocorrência de seca (Tabela 2).

O consumo da manga na Região Metropolitana de São Paulo duplicou entre 1974/75 e 1987/88, saindo de 0,6kg para 1,2kg anual *per capita*. No tocante à estacionalidade, verificaram-se elevadas amplitudes tanto para preços como para quantidades. As diferenças entre os limites superior e inferior são de 365% para o volume físico e 259% para as cotações durante o ano. Os preços mais baixos são observados em abril/maio e julho/agosto, época de oferta reduzida, pois a produção é pequena de fevereiro a setembro (SÃO PAULO, 1992). Isso decorre do fato de a manga ser uma fruta tropical de época marcante, com produção centrada nos meses de verão. De outubro a dezembro de 1993 ocorreu um recuo dos preços,

coincidindo com as maiores quantidades ofertadas e, de dezembro de 1993 a fevereiro de 1994, abriu-se tendência de alta. Nos demais meses as cotações referem-se à produção ocasional, sem importância significativa para o mercado, em razão da pequena quantidade (Tabela 2).

A melancia é uma fruta típica de verão e o consumo na Região Metropolitana de São Paulo foi de 1,8kg *per capita*/ano em 1987/88. No que se refere à estacionalidade, as quantidades têm variações com amplitude de 206% entre o menor e o maior índice e as cotações de 28%. Os preços mais baixos ocorrem de abril a junho e dezembro/janeiro e as maiores quantidades, em dezembro e janeiro (SÃO PAULO, 1992). Em 1993, os preços tiveram um comportamento dentro do esperado pelo padrão estacional com queda em janeiro e fevereiro, seguida de alta de março a outubro e de recuo em novembro e dezembro. Em 1994, o primeiro bimestre apresenta os menores preços e nos demais meses ocorre elevação, conforme comportamento esperado na entressafra (Tabela 2).

O pêssego é uma fruta cujo consumo na Região Metropolitana de São Paulo de 294g *per capita*, ano em 1987/88. A estacionalidade tanto das quantidades como dos preços apresenta elevadas amplitudes de variação, de 456% e de 231%, respectivamente (o que vem demonstrar uma enorme diferença entre os limites inferior e superior dos índices mensais em cada ano) (SÃO PAULO, 1992). A safra começa com o início da entrada de produtos em outubro, ainda com preços elevados, que caem até o término da colheita em fevereiro. Esse é o comportamento observável nos preços de outubro de 1993 a fevereiro de 1994, com níveis menores em dezembro, quando a quantidade ofertada é a mais expressiva e, em fevereiro, em razão de a qualidade de fim de colheita não ser muito satisfatória. Nos demais meses as quantidades comercializadas são muito reduzidas para serem consideradas (Tabela 2).

A uva comum, ou niágara, é consumida pelas famílias da Região Metropolitana de São Paulo em torno de 600g *per capita*/ano em 1987/88. A estacionalidade das quantidades apresenta variação de 460% o que indica grande diferença nas entradas mensais durante o ano. No que se refere aos preços, esse índice é de 72%, indicando menor amplitude. Os menores preços acontecem em janeiro e fevereiro, sendo que as maiores quantidades em dezembro e janeiro (SÃO PAULO, 1992). Em janeiro de 1993 verificaram-se preços elevados, que declinaram em fevereiro e março. Os demais meses apresentam pequena elevação nas cotações que se mantêm em níveis próximos até agosto. A entrada da nova safra em dezembro de 1993 ocorre com preços altos, mas no primeiro bimestre de 1994 o comportamento dos preços segue o padrão estacional, para elevar-se nos meses seguintes, quando os volumes ofertados são bem menores. Em julho e agosto nota-se aceleração significativa nos preços como reflexo da geadas que atinge as zonas tradicionais de plantio de uva niágara no Estado de São Paulo (Tabela 2).

A uva Itália tem crescido nos últimos anos no tocante ao consumo. A estacionalidade mostra amplitude de 214% para a quantidade e 111% para os preços, o que representa uma elevada diferença entre os menores e maiores índices. Os preços mais baixos ocorrem quando a quantidade é mais alta, ou seja, de janeiro a março de cada ano (SÃO PAULO, 1992). Esse padrão estacional foi definido com base nos preços do período 1981-88, entretanto com o aumento da produção paulista da região de Jales e principal-

mente com a entrada de produto nordestino do Vale do Rio São Francisco, ocorreram ofertas de uva durante um período maior do ano, atingindo principalmente as estruturas de ponta do varejo como os supermercados.

Em função disso, em 1993 tem-se queda nos preços durante o período de janeiro a julho, seguida de alta no segundo semestre. As menores cotações acontecem em março/abril e junho/julho e as maiores em setembro/outubro. Nota-se também uma queda no bimestre novembro/dezembro em relação ao anterior. Em 1994 segue-se padrão semelhante com menores preços no primeiro semestre e crescimento a partir de junho, sendo que fica clara a antecipação do aumento que tradicionalmente ocorre a partir de agosto para julho, em função de movimentos de alta de preços ocorridos como impacto da geadas, mesmo considerando-se que as zonas produtivas não foram atingidas drasticamente por esse fenômeno climático (Tabela 2).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos gastos do consumidor paulistano com frutas mostra que as despesas em 1994 estão se apresentando sempre em patamares superiores ao observado em igual período do ano passado, tanto quando se comparam os valores absolutos como o seu percentual em relação à despesa familiar. Isso significa que o custo da cesta de frutas no varejo aumentou mais proporcionalmente que todo o restante dos produtos de alimentação, pressionando o custo de vida. Os preços mais altos das principais frutas, num comportamento semelhante ao da cesta, também corroboraram essa posição desvantajosa aos consumidores.

Outro aspecto presente nos dados analisados para 1994 é o considerável impacto das geadas do final de junho sobre os preços. As frutas são comercializadas *in natura*, sofrendo os efeitos desse fenômeno climático em razão da grande susceptibilidade ainda na planta e perecibilidade na distribuição que torna onerosa a estocagem. De outro ângulo, mesmo que as geadas não tenham atingido as zonas de produção de determinadas frutas, ao afetarem regiões de origem de algumas espécies provocam aumento noutras, por se tratarem de produtos substitutos, ou seja, o aumento de preços de uma determinada fruta por redução drástica de oferta acaba provocando maior procura e, por conseguinte, preços superiores a outras frutas. Essa condição permite a elevação em bloco dos

preços de todo o conjunto de frutas, com mais incidência em uma espécie que em outra, explicando porque a cesta de frutas aumenta expressivamente em custo nos últimos meses.

O comportamento dos preços e dos gastos com frutas nos três últimos meses podem também estar refletindo um certo aumento do poder aquisitivo dos salários com a estabilização da economia que, sustentando o nível da demanda, provoca um maior impacto da queda de oferta. Noutras palavras, nessa realidade a pressão sobre a demanda, decorrente da recuperação do poder de compra dos salários, já seria, suficiente para pressionar preços para cima em razão da menor elasticidade da oferta de curto prazo, pois as frutas, como culturas perenes, só podem oferecer resposta com maior produção num prazo mais dilatado. Nessa conjuntura quebras de safra, como as geadas, podem ter seus efeitos magnificados.

A seca que se seguiu à geada, com efeitos perversos sobre as plantas não só reduzem a produção no momento presente como produzem resultados danosos sobre a colheita futura. Com isso a normalização do mercado de várias frutas depende da capaci-

dade de recuperação das plantas e do nível de comprometimento do potencial de produção. Assim, a conjuntura de preços elevados das frutas em nível de consumidor tende a manter-se por mais alguns meses, não sendo esperado num prazo muito curto uma redução nos patamares observados em 1993. De qualquer forma a prevalência de preços altos estimula investimentos para ampliação da área cultivada com frutas.

LITERATURA CITADA

SÃO PAULO, Coordenadoria do Abastecimento. **Perfil dos hortigranjeiros comercializados no E.T.S.P.:** Frutas - 1990. SÃO PAULO, CAB, 1992. 191p.

SANTIAGO, Maura M. D. Coord. **Estatísticas de preços agrícolas no Estado de São Paulo:** preços no atacado e varejo, São Paulo, IEA, 1990. 304p.